

O TRABALHO EM GRUPO E O TRABALHO DE CAMPO: UM PESQUISADOR EM BUSCA DA VISÃO POLIOCULAR

Henrique Carmona Duval*

Durante o tempo de existência do Nupedor, momentos diferentes foram registrados pelos pesquisadores como retratos de uma realidade que se transforma rapidamente, tal como é a dinâmica do espaço que observamos em nossa pesquisa. Com tanto tempo de vida e experiências presenciadas, o trabalho do grupo foi enriquecido pela participação de pesquisadores de diversas formações que passaram por ele – sociólogos, pedagogos, economistas, artistas, ecólogos, geógrafos, agrônomos, entre outros – os quais contribuíram muito para alcançar uma compreensão mais próxima da complexa realidade dos assentamentos dada à diversidade de paradigmas científicos. Além disso, facilitaram para que o grupo desenvolvesse novas e alternativas técnicas de coleta de dados. A bagagem que o grupo adquiriu propicia aos pesquisadores de hoje uma visão dialética que transforma seus olhares individuais para uma perspectiva mais abrangente com relação ao tema no momento que participam da pesquisa.

Descobrimos que compreender e explicar um assentamento não é tarefa apenas do campo teórico da pesquisa, porém essa parte deve fornecer um suporte ao pesquisador ir a campo e comprovar empiricamente as situações que permeiam um assentamento. Para tanto, ao longo de tantos anos constantemente em transformação, nosso grupo sempre foi a campo em busca de uma intimidade maior com as famílias assentadas. É lá no cotidiano delas que se pode captar alguns elementos que explicam o sucesso, a inserção, a viabilidade ou não do assentamento (ou pelo menos daquelas famílias que se visita) no lugar onde está e com as pessoas que o habitam. Num longo tempo de pesquisa, de construções e reconstruções, o grupo que tem buscado a investigação em sua multidimensionalidade¹ desenvolveu técnicas qualitativas para acompanhar os assentamentos.

* Bolsista de Iniciação Científica no projeto “Inserção de Assentamentos Rurais às Economias Regionais: indicadores de qualidade de vida e de integração ao meio ambiente. Araraquara e o Pontal do Paranapanema-SP”.

¹ O projeto Análise e Avaliação dos Projetos de Reforma Agrária e Assentamentos do Estado de São Paulo coordenado pelas professoras Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante e Sônia Maria Pereira Pessoa Bergamasco foi a primeira pesquisa desenvolvida em caráter multi-campi da UNESP.

Desta maneira, o estudante que realize pesquisa sobre reforma agrária e assentamentos não pode se enclausurar em livros e bibliotecas. Antes (e depois), o **trabalho de campo** é necessário para se adentrar o universo a ser investigado. É ele que vai dar pistas de qual é a situação atual no assentamento que se visita. Uma leitura sobre o determinado assentamento pode dar dicas valiosas, mas pode também ser frágil para explicá-lo se não houver continuidade na coleta de dados. Isso porque a paisagem pode metamorfosear-se num curto espaço de tempo, às vezes em função da economia regional, da valorização ou excesso de demanda para um produto determinado de acordo com a região, como a cana-de-açúcar no nosso exemplo, ou mesmo com mudanças de famílias que desistem de viver no assentamento. Para não conceitualizar ou teorizar o objeto de pesquisa com seus eventuais preconceitos (WHITAKER, 2002). Contra o rural, o pesquisador deve antes relatar o que vê nas idas a campo num **diário de campo**, um registro pessoal que o faça identificar o valor de cada fala, cada gesto ou atitude do homem que cultiva a terra. Assim poderá perceber como ele viu o assentado no momento que esteve lá, já que o pesquisador geralmente é da cidade e se integra a um padrão urbano de representações sobre o rural. Deste modo seus registros e comentários podem auxiliá-lo na percepção de preconceitos.

O diário de campo é o modo de coletar informações que o Nupedor prioriza para os bolsistas desenvolverem seus projetos. Com ele coexistem ainda técnicas de pesquisa de diversas áreas do conhecimento, entre as quais etnográfica, sociológica, artística, etc. É a partir do enfoque de cada pesquisador do grupo que o trabalho de campo vai tomar forma e sentido, mesmo contendo algumas obrigações por parte dos pesquisadores para com o grupo - por exemplo acordar cedo em finais de semana, busca por acontecimentos de grande impacto, estar atento e integrado às situações com os assentados e outros colegas, registrar os momentos que julgar relevantes para a pesquisa e debatê-los em grupo - é um instrumento que possibilita certa liberdade e autonomia dos pesquisadores investigarem as várias “portas de entrada” para a pesquisa nos complexos (Ferrante, 1999) assentamentos. Um bom indicador disso são as inúmeras dissertações e teses de pesquisadores ligados em algum momento ao grupo, as quais abrangem grande diversidade de temas (e deles se expandem). A diversificação de temas, dos enfoques que cada pesquisador dá dentro do mesmo grande tema (assentamentos), demonstra que o grupo atingiu riqueza de compreensão do todo. A análise sobre a reforma agrária se expandiu e abrangeu o conhecimento de muitas famílias em vários assentamentos, que nos forneceram os mais valiosos dados da pesquisa devidamente documentados².

² Em relatórios, no Censo de Assentamentos Rurais do Estado de São Paulo, Retratos de Assentamentos, livros, artigos, teses e dissertações, entre outras publicações.

As visitas a campo constituem um complexo exercício de conhecer a realidade do assentamento. Elas passam por um planejamento em reuniões do grupo, para determinarmos alguns objetivos da visita, antes de irmos bem cedinho aos lotes. Cedinho porque geralmente as pessoas no assentamento acordam na madrugada e as coisas já estão acontecendo desde então. Nos esforçamos para acompanhar o movimento deles que acordam antes do sol nascer para trabalhar. Ao chegar verificamos que, enquanto ainda estamos com sono, eles já fizeram muitas coisas em seus canteiros e currais. É uma hora boa para colher verduras, tirar o leite, fora que eles sabem o quanto ainda precisam fazer ao longo do dia para cuidar e se sustentarem num pedaço de terra que tem em média seis alqueires. A visita continua entre conversas e caminhadas pelos lotes e não implica necessariamente que o pesquisador trabalhe apenas com questionários e entrevistas diretas como coleta de dados. Mais importante, na nossa perspectiva, é ouvir o que o assentado tem a dizer e não apenas induzi-lo a falar. Costumamos fazer visitas com regularidade a determinadas famílias (aquelas que estão sempre motivadas a conversar conosco) para conhecê-las mais profundamente e também visitando uma nova a cada vez que vamos lá, para com elas colher histórias de vida e dados dessa história nos dias de hoje. Essa é a “ida a campo”, ir ao assentamento fazer uma visita.

Assim, foi a partir desse contato que conhecemos melhor os assentados, as estratégias familiares, observando de forma localizada alguns pontos do assentamento. Há famílias que visitamos regularmente e somos cobrados a aparecer porque já constituímos uma relação de amizade com elas, freqüentemente convidada para almoçar, o que torna a pesquisa muito mais agradável e abrangente. Abrangente porque quando sentamos à mesa com uma família assentada, além de conversar, estamos saboreando o fruto de seu trabalho, testemunhando sua qualidade de vida ao ver seus conhecimentos e carinho pelo alimento. Através do contato, observamos o quanto é necessária a constante coleta de dados por parte dos pesquisadores que querem entender o dinamismo das situações que se passam num assentamento. Dificilmente as teorias passadas são aplicáveis ou explicam a atual situação, elas apenas norteiam³.

A luta pela terra, as histórias de vida, as situações submetidas pelas diversas agroindústrias e pelo poder público se encontram em vários pontos da vida de homens assentados pela reforma agrária, mas ainda assim percebemos que sempre existem especificidades a descobrir em cada assentamento. Primeiro por que as condições da terra e do clima não permitem serem iguais; segundo que cada assentamento se constitui numa diversidade de usos e costumes

³ Assim, o cardápio do almoço pode também metamorfosear-se em função da família optar por não mais criar galinhas, pelos custos que isso gera no momento.

diferentes devido ao fluxo migratório e as fragmentações culturais que sofreram com isso. Eles vêm de vários pontos do Brasil, em muitos casos já passaram por tantas outras localidades (e de ambas trazem algumas práticas específicas do lugar), ainda são selecionados para morarem juntos no assentamento que se estabelece. Em terceiro, acredito sofrerem forte influência da região econômica onde estão, dos tipos de indústria e mercado que os rodeiam imediatamente e que também se diferem umas das outras. Percebemos que sempre há dificuldades se quiserem financiamento, pois terão que cultivar o que o Estado ou o mercado regional desejam, geralmente grãos. Visto o reduzido número de assentados que pegam linhas de crédito, também devido a dívidas de financiamentos anteriores, nós acreditamos que eles recusam quando podem os modelos propostos pelo Estado. Sempre presente, na região de Araraquara, os complexos agroindustriais (da cana-de-açúcar principalmente) insistem no uso das terras dos assentamentos. Por uma questão financeira seduzem os assentados a fazerem parcerias com usinas, ameaçando a reforma agrária com sua influência e arrendamento de terras.

O trabalho de campo ainda vai exigir outros esforços para o pesquisador que busca entender o que acontece nas idas a campo. De uma ida a campo repleta de observações, com interesses em aspectos específicos desta realidade para explicá-la posteriormente, nasce o conhecimento ligado ao cotidiano dessa família assentada que se visita. Dependendo dos caminhos que as conversas tomam é que surgem falas (do assentado) que indicam graus de sociabilidade com o meio exterior, relacionamento com prefeituras, órgãos do governo, integração ao meio econômico, espírito de luta e respeito para com, entre outras coisas, a natureza. Além dessas, o contato íntimo (regular) com a família revela relações internas da mesma, os modos de pensar e agir cooperado com familiares, vizinhos, o significado de seus trabalhos com a terra e tudo o mais que possuem nela - plantações, criações, plantas e animais nativos, sistemas industriais “primitivos”(de menor escala), como barracões onde se faz farinha de mandioca, beneficiamento de arroz. O registro dessas falas se faz necessário para a obtenção de dados empíricos para a pesquisa e é aqui que entra a liberdade do pesquisador de fazê-lo a sua maneira, de registrar aquilo que viu e sentiu para que possa entender e recordar as situações presenciadas posteriormente. Cada pesquisador tem seu jeito de fazer essa coleta, como demonstrado no livro sobre metodologia em sociologia rural da professora Dulce Whitaker, portanto cada um de nós desenvolveu uma maneira de documentar o que vê nas idas a campo, um exercício precioso em nossas formações.

No meu caso foi se transformando ao longo do tempo em que participo do grupo. No começo eu não sabia direito o que falar com os assentados e buscava registrar tudo muito rapidamente para não perder nada no momento

que estava vivenciando a situação. Percebi que poderia constranger a pessoa por só ficar escrevendo e não olhando para seus olhos nas conversas, ou mesmo quando eu colocava um gravador para ela falar. Logo fui moldando técnicas que me possibilitaram ficar mais a vontade para entrar na casa de uma família assentada e simplesmente conversar com as pessoas, a fim de registrar passagens indicativas da vida no assentamento para a pesquisa. Desta maneira percebo outras coisas no momento, a própria emoção do homem ao falar do seu trabalho (esse olhar nos olhos que transmite a confiança mútua e cria um elo maior, um querer saber mais que um relato, mas a história e vivência do outro). Olhar que chega mais perto dele, de como ele sente as coisas, como trabalha e como vai em busca de respostas das questões que tem. Aproximação tal que eu tenha possibilidade dele se abrir sobre sua vivência, não apenas seu relato, mas seu saber nato sobre a natureza, de trabalhar a vida de forma despretensiosa (em muitos casos), que faz porque tem que fazer ou, nasceu para fazer aquilo.

Nas idas a campo optei por, primeiramente, ficar mais atento para aprender com os assentados seus conhecimentos sobre a terra e a sociedade. Não me preocupo mais em anotar tanto na hora das conversas, mas anotar algumas frases-chave e eventualmente fazer desenhos que me ajudem a recordar o que foi conversado, ativando posteriormente a memória do momento presenciado. Não implicou em abandono às outras técnicas (como o gravador), mas utilizá-las em momentos oportunos. Para obter dados organizados que exprimem a ida a campo achei que ao chegar em casa do assentamento deveria começar outra etapa do trabalho de campo, que é uma descrição mais densa dos fatos ocorridos naquela visita num **caderno de campo**, baseado nas anotações do diário de campo e no rememorar do que aconteceu, o que foi dito. Essa tarefa pode ser feita logo após o retorno, se possível, pois ainda estamos com a energia do assentamento em nós, “com o pó da terra no corpo” e as situações mais frescas em nossas mentes, ficando mais fácil recorrer à memória. Entretanto as situações presenciadas no assentamento para sempre estarão em nossa história de pesquisadores, a qualquer hora poderemos rememorar-las e novamente voltar a registrá-las, o que é muito enriquecedor para a compreensão do real.

O interessante de se trabalhar em grupo é que vamos a campo juntos vivenciar um dia no lote de um assentamento. Cada pesquisador tem um tipo de sensibilidade e também uma obrigação para com as teorias (que o forma pesquisador de assentamentos). Os vários pesquisadores que vão a campo trarão ao grupo investigações variadas sob o mesmo tema, o viver daquela família assentada. Nas conversas descobrimos muitas coisas não só destes dias específicos, mas de seus cotidianos naquele espaço. Se um agrônomo vai a campo fará uma investigação relacionada à análise do solo por exemplo; um

sociólogo verifica, entre outras coisas, o grau de sociabilidade dos assentados após lutar pela terra; e um economista pode ver suas relações com a economia regional, suas estratégias de inserção. Porém cada indivíduo pensa e age também por fora de teorias, tem sensibilidades diferentes para os diversos assuntos, portanto não podemos ir com olhares apenas teóricos, mas como seres humanos. O enfoque no assunto ao qual o pesquisador vai prender sua concentração e coleta de dados vai depender do que ele se propõe investigar na sua pesquisa (abertura para uma grande variedade de temas e áreas do conhecimento). Isso não deve impedi-lo de aprender a refletir com os colegas sobre outros aspectos da realidade.

Essa é, de fato, uma grande vantagem de trabalhar em grupo, no sentido de transformar pesquisadores, pois a compreensão do assentamento é fruto do trabalho de um grupo que caminha junto no campo (teórico e físico, abstrato e concreto), que documenta um momento na vida daquelas famílias e que sabemos estar em constante transformação. Daí a necessidade de um trabalho de campo regular e a longo prazo como é o caso deste grupo. Já existe todo um banco de dados do Nupedor que está à disposição dos pesquisadores do grupo. Quando vamos a campo, já ambientados na pesquisa, cada um tem um diário e escreve coisas diferentes a partir da mesma experiência compartilhada. Em conversas e **reuniões**⁴ podemos também compartilhar os dados coletados nos diários, acrescentando elementos que passaram sem muita atenção pelos colegas, ou mesmo completar um dado que ficou em dúvida para registrar. Assim vamos montando o caleidoscópio das nossas informações. O enfoque dos colegas é quase sempre outro, para a mesma situação surgem dados e interpretações diferentes que, se discutidas e confirmadas, podem dar conta da realidade complexa de uma situação que parecia tão simples... Numa passagem do texto de Elis Cristina Fiamengue sobre metodologia fica bem claro o benefício dialético do trabalho de campo em grupo:

*No trabalho em equipe o questionamento das verdades estabelecidas é contínuo, o que provoca um enriquecimento teórico e metodológico expressivo. O debate estimula a criatividade e elaboração de idéias reflexivas*⁵.

A compreensão da complexidade do real e a evolução dialética acontecem a cada passagem da pesquisa, que forma pesquisadores para as mais variadas

⁴ É a última etapa do trabalho de campo que começou com o planejamento e com a ida a campo. É também a primeira, na medida que planejamos nas reuniões aspectos que iremos investigar nas futuras idas a campo.

⁵ Fiamengue apud Whitaker, 2002.

áreas do conhecimento. Existem saltos qualitativos dos estudos que são desenvolvidos no interior dos projetos do Nupedor nas suas mais variadas técnicas e temas propostos pelas pesquisadoras que coordenam o núcleo. Cada pesquisador que se forma deixa sua marca documentada na história dele e também as ganha, pelo menos no que diz respeito às técnicas de coleta, de criar um instrumento que possibilite a ele escrever sobre seu objeto de pesquisa e de auto-avaliação a cada ida a campo e a cada reunião com o grupo. Essa história poderá sempre ser consultada por novos pesquisadores que entram para o trabalho no grupo, renovando-o. Hoje nos encontramos desenvolvendo o projeto “Inserção de Assentamentos de Reforma Agrária às Economias Regionais: indicadores de qualidade de vida e de integração ao meio ambiente. Araraquara e o Pontal de Paranapanema-SP”.

Este projeto e sua continuidade são de fundamental importância para o aprofundamento da análise dos assentamentos. A discussão voltou-se neste momento para questões que indicam busca por paz e subsistência, enfocando também os conflitos existentes e a sustentabilidade para os assentamentos: o assentamento pode ser considerado uma propriedade viável distribuída pelo Estado nesta região; com isso as famílias assentadas ganham autonomia e qualidade de vida; têm perspectivas de permanecer a longo prazo na terra preservando o meio ambiente? Ao querer descobrir o que integra mais os assentados ao meio descobrimos que a alimentação, a saúde, a educação e o trabalho são alguns eixos que podemos explorar para analisar o proposto. Algumas constatações que até agora decorrem do trabalho de campo são: integração ao meio ambiente em grande parte dos assentados, visto suas práticas agrícolas; preocupações que eles têm em seus filhos continuarem a batalhar pelo espaço conquistado e trabalhar no campo, tendo assim mais qualidade de vida do que nas cidades (opinião construída pelo viver deles na cidade antes de irem para o assentamento); dificuldades em se emanciparem frente a uma economia movida por monoculturas; e fragmentações entre assentados em torno das possibilidades de êxito, geradas a partir do envolvimento deles com as diversas instituições públicas ou privadas que atuam nos assentamentos.

A educação do campo, que visa a valoração da vida no campo e sua cultura, ensina conteúdos escolares com situações dos seus cotidianos, já é realidade e contribui para melhor aprendizagem dos conteúdos escolares por parte dos jovens. Através da agricultura familiar para subsistência, da alimentação decorrente e do próprio cotidiano no meio rural, eles obtêm melhor condicionamento físico e imunológico para doenças (principalmente para as crianças em idade de crescimento), embora não contem com informações científicas e preventivas para isso. O tipo da agricultura praticada por muitos deles resulta na diversificação da alimentação e do uso do solo, é um fator de melhoramento deles (da alimentação e do solo). É constante a presença da

consciência ambiental que renasce nos trabalhadores que retornam à terra, vindos de lugares muito mais violentos como periferias de cidades ou precários como acampamentos.

No entanto, dificuldades existentes em função da economia regional e do próprio planejamento e atuação estatal impossibilitam os assentados de praticarem essa consciência. Constatamos que hoje muitos estão plantando cana para o complexo agroindustrial da região no assentamento, utilizando todo aparato químico-mecânico das monoculturas e com isso deixando em segundo plano a agricultura familiar nos lotes. Perdem parte da diversificação de culturas, prática que aos poucos melhora a qualidade do solo e resulta na diversificação da alimentação, que o assentamento trouxe ao espaço antes homogêneo pela monocultura. Os padrões de consumo urbanos invadem violentamente o assentamento: dessa maneira deixam de trabalhar na terra arrendando-a e ainda trabalham nas cidades. Seus filhos também têm que trabalhar fora para aumentar a renda familiar, estudar na cidade, fazem supermercado para suprir o que não é plantado no assentamento. A continuidade do enfoque analítico-metodológico que o grupo atingiu vai compreender o que é qualidade de vida nos assentamentos, não apenas pela produtividade e prosperidade material que eles podem alcançar. É a constatação de que existem assentados que exercem práticas ecológica e socialmente corretas se possível (sem arrendar o lote mesmo com todas as dificuldades), trabalhando na terra juntamente com sua família. Se esta tranquilidade vivida por eles trás benefícios à natureza, e conseqüentemente aos homens, estão num caminho que todos aspiram praticar para preservar o planeta e a vida, mas não realizam no presente.

Referências bibliográficas:

BOURDIEU, P. **O Desencantamento do Mundo**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

D'INCAO, M. C. e ROY, G. **Nós, Cidadãos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

FERRANTE, V. L. S. B. Assentamentos Rurais: Um olhar sobre o difícil Caminho de constituição de um novo modo de vida. In: FERRANTE, V. L. S. B. (org.) **Retratos de Assentamentos**. Ano I, nº 1, FCL, Unesp, Araraquara, 1994.

FERRANTE, V. L. S. B. Itinerário de Pesquisa em Assentamentos Rurais: Inesgotável Aventura Sociológica. In: FERRANTE, V. L. S. B. (org.) **Retratos de Assentamentos**. Ano V, nº 7, FCL, Unesp, Araraquara, 1999.

MORIN, E. **O Método**. Volume VI. Portugal: Publicações Europa – América, 1991.

WHITAKER, D. C. A. e FIAMENGUE, E. C. Assentamentos de Reforma Agrária: Uma Possibilidade de Diversidade Agrícola. In: FERRANTE, V. L. S. B. (org.) **Retratos de Assentamentos**. Ano VI, nº 8, FCL, Unesp, Araraquara, 2000.

WHITAKER, D. C. A. **Sociologia Rural**. Questões metodológicas emergentes. Presidente Venceslau, SP: Letras a Margem, 2002.